

vizinhas, desceram para os valles e para as baixas, e ahi se submetteram á civilização do povo-rei, formando com o andar do tempo o actual concelho do Cadaval: nesses valles e baixas tenho encontrado fragmentos de telhas de rebordo, pesos de barro romanos, uma ara com inscripção latina, e uma moeda colonial de Turiaso, — elementos bastantes para definirem a acção de Roma. Qualquer d'estes elementos, tomado avulsamente, não bastaria para isso, ou poderia mesmo não provar nada; mas todos combinados, e nas condições em que os encontrei, adquirem a este respeito todo o valor. — Embora os ultimos habitantes do castro de Pragança tivessem visto vir os Romanos até áquellas paragens, estes não chegaram a dominar nem a influir no castro: o «Castello» de Pragança é pois um castro pre-romano propriamente dito.

Em resumo, supponho que os nossos castros, no seu estado actual, podem classificar-se provisoriamente assim:

A) PRE-ROMANOS:

- a) *neolithicos*;
- b) *mixtos*;
- c) *protohistoricos*.

B) LUSO-ROMANOS.

*Neolithicos*, isto é, do periodo da pedra polida, do qual não restam documentos escritos, e do qual quasi só podemos ter conhecimento pelo estudo directo dos objectos; *protohistoricos*, isto é, de uma epocha á cêrca da qual começam a apparecer noticias historicas, e que pôde dizer-se que dura até á vinda dos Romanos, no seculo III antes da era christã. A epocha dos metaes pertence em parte á prehistoria, em parte á protohistoria. Ao passo que os castros protohistoricos manifestam *successão* da civilização protohistorica á neolithica, ou já completa *substituição* de uma á outra, os mixtos revelam ainda a *coexistencia* das duas civilizações. Parece-me ficar assim estabelecida claramente a distincção que dos typos geraes acima fiz.

J. L. DE V.

### Inscripção christã de Mertola

(Do seculo VI)

Pela epigraphia temos noticia da influencia christã em Mertola, desde o seculo V. Estacio da Veiga reuniu a este proposito algumas inscripções na sua *Memoria das antiguidades de Mertola*, Lisboa 1880, pag. 85 sqq.

Anteriores aos trabalhos de E. da Veiga são estes do Sr. E. Hübner sobre as inscripções christãs da Peninsula na epocha wisigothica:

*Inscriptiones Hispaniae Christianae*, Berlin 1871;

*Inscriptiones Britanniae christianae . . . accedit Supplementum inscriptionum christianarum Hispaniae*, Berlin 1876.

À cêrca das *Inscriptiones Hispaniae christianae* publicou o Sr. Le Blant dois substanciosos artigos no *Journal des savants*, 1873.

Como não conheço directamente o referido *Supplemento das Inscriptões da Britannia*, não sei se a seguinte inscripção, que foi achada em Mertola, e de que em 1891 me enviou um decalque o meu amigo Dr. Fortunato da Fonseca, do Alandroal, estará ainda inedita; mas provavelmente está:

HILARINVS  
 FAM̄L DEI  
 VIXIT AN̄  
 VNO M̄V  
 & VREQ̄  
 EVITINPA  
 C̄&N̄ON  
 IVNIASERA  
 DCIII

Desfazendo as abreviaturas, o texto é assim: *Hilarinus, famulus Dei, vixit anno uno, mensibus quinque, diebus quinque; requievit in pace die nonas Junias, era 604.*

Isto significa: *Hilarino, servo de Deus, viveu um anno, cinco meses e cinco dias; descansou em paz no dia 5 de Junho do anno de 566<sup>1</sup>.*

<sup>1</sup> A inscripção tem «era de 604»; como se trata da era de Cesar, e esta se differença da era de Christo 38 annos, fiz aqui a respectiva redução.

Esta inscripção offerece caracteres que já se encontram noutras da Peninsula, como *famulus Dei* e *requievit in pace*.

Quem quizer ter amplas noticias da epigraphia christã d'esta especie consulte, alem dos citados trabalhos, mais estes do Sr. Le Blant:

*Inscriptions chrétiennes de la Gaule, antérieures au VIII<sup>o</sup> siècle*, Paris 1856, 2 vol.;

*Manuel d'épigraphie chrétienne d'après les marbres de la Gaule*, Paris 1869;

*L'épigraphie chrétienne en Gaule et dans l'Afrique romaine*, Paris 1890.

Todos estes trabalhos, e os de cima, com excepção do *Supplemento das Inscripções da Britannia*, ha-os na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

J. L. DE V.

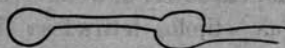
### A Mogueira

A um kilometro, pouco mais ou menos, de S. Martinho de Mouros, no concelho de Rêsende, ao pé de um pinhal, ha um morro, de altos penedos, chamado *A Mogueira*.

Na base do morro, no valle, vêem-se muitas sepulturas abertas em rocha, já sem tampa e vazias, orientadas de N. a S. Observei umas oito, mas ha mais; algumas erão de crianças. O desenho mostra o typo geral das sepulturas.

Pelo morro apparecem fragmentos ceramicos, — telhas de rebordo (romanas) e vasos —, escóreas e pedacitos de ferro oxydado.

Como disse, o morro é cheio de penedos: em quasi todos estes ha cavidades, umas redondas outras quadradas. Isto é frequente nos castros, e o povo algures chama-lhes *pias*. Muitos penedos são talhados; outros tem escadas, feitas na propria rocha, facto vulgar nos castros do Baixo-Douro. Em varios penedos achei as célebres *côvinhas* prehistoricas («fossettes» dos archeologos franceses), irregulares, algumas de um decimetro de diametro, pouco mais ou menos, e ás vezes ligadas entre si por sulcos, d'este modo:



*Côvinhas* analogas tenho-as encontrado em castros beirões e em antas beirões e alemtejanas.